

## Monteiro Lobato Tradutor

Maria Augusta H. W. Ribeiro  
Augustinho Aparecido Martins

### Resumo

*E o relato de uma pesquisa bibliográfica sobre as traduções do Conto Branca de Neve dos Irmãos Grimm, realizadas por Monteiro Lobato e Tatiana Belinky. Enfoca a importância da tradução de contos infantis no começo do século vinte e de Monteiro Lobato nesse exercício. Realizamos uma análise comparativa das traduções com base em referenciais teóricos sobre tradução. Abordamos também o uso dessas traduções como importante ferramenta pedagógica.*

**Palavras-chave:** Monteiro Lobato, tradução, literatura infantil, Branca de Neve, contos de fadas.

### Abstract

*It is the narrative of a bibliographical research on the translations of the Snow-white Story, the Grimm Brothers carried through by Monteiro Lobato and Tatiana Belinky. It focuses the importance of the translation of infantile stories in the start of twentieth century and of Monteiro Lobato in this exercise. We carry through a comparative analysis of the translations with basis in theoretical references on translation. We also approach the use of these translations as important educational tool.*

**Key words:** Monteiro Lobato, translation, infantile literature, Snow-white, fairy tale.

A Literatura Infantil tem, no Brasil, como precursor, Alberto Figueiredo Pimentel<sup>1</sup>, que lança, no final do século XIX, uma série de livros para crianças. Entre eles encontramos *Contos da Carochinha*, primeira coletânea de literatura infantil brasileira. Segundo Nelly N. Coelho, o escritor valeu-se de textos portugueses e originais franceses, reunindo:

“61 contos populares, morais e proveitosos de vários países, traduzidos e recolhidos diretamente da tradição local”, - como é dito na abertura. Nessa coleção há contos de Perrault, Grimm e Andersen; fábulas; apólogos; alegorias; contos exemplares; lendas; parábolas; provérbios; contos jocosos; etc. É curioso notar que nenhum deles tem início com o clássico “Era Uma vez...”; e também dão grande ênfase ao elemento *oriental*. Por exemplo *A bela adormecida no bosque*, nesta tradução/adaptação de F.P., passa-se no Oriente... É de se notar que a coletânea *As mil e uma noites* havia sido traduzida, no Brasil, em 1882, por Carlos Jansen, e fazia grande sucesso... daí talvez o prestígio do maravilhoso “oriental”. (COELHO, 1984, p. 260)

Era, pois, incipiente a Literatura Infantil desta época, porque tínhamos poucas obras e estas, em sua maioria eram prensadas e traduzidas em Portugal o que causava uma grande dificuldade de leitura para as crianças brasileiras, como o comprova a citação abaixo:

De noite, na mesa de jantar, à luz do lampião belga que pendia do teto, eram freqüentes estas

conversas:

-Papai, o que quer dizer “palmatória”?

-Palmatória é um instrumento de madeira com que, antigamente, os mestres-escola davam “bolos” nas mãos das crianças vadias...

-mas aqui não é isso.

O Pai botava os óculos, lia o trecho, depois explicava:

-Pelo assunto, neste caso, deve ser – castiçal. Parecido, não? Como o ovo com o espeto!

Minutos depois, a criança interrompia novamente a leitura.

-Papai, o que é “caçoula”?

-Caçoula, que eu saiba, é uma vasilha de cobre, de prata ou de ouro, onde se queima incenso.

-veja aqui na história. Não deve ser isso...

O pai botava os óculos de novo e lia em voz alta: O bicho de cozinha deitou água fervente na caçoula atestada de beldroegas, e, asinha partiu na treita dos três mariolas...

Depois de matutar sobre o caso, o pai tentava o esclarecimento:

-Caçoula deve ser panela... Parecido, não?

E a mãe, interrompia o crochê:

-Afinal por que não traduzem esses livros portugueses para as crianças brasileiras? (CAVALHEIRO, 1962, p.145)

No início do século XX esse tipo de produção começa a ser alvo de críticas. Uma delas, em 1906, de José Veríssimo, publicada em *A Educação Nacional*, na qual o autor pede reformas: que o livro “seja mais brasileiro (...) pelos assuntos, pelo espírito, pelos autores transladados, pelos poetas reproduzidos e pelo sentimento nacional que os anime” (SCHWARTZMAN, 1984, p 33). Olavo Bilac vem

<sup>1</sup> Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914) – Jornalista e cronista carioca. Foi romancista, poeta e tradutor. Seu maior feito foi no âmbito da Literatura Infantil, como um dos pioneiros. A obra indicada por COELHO não foi encontrada por nós. Indicamos nas referências outros dois títulos do mesmo gênero.

ao encontro desse pensamento e insere um forte sentimento nacionalista em suas obras, começando a produzir os primeiros livros escolares nacionais: *Contos pátrios* (1904), *Teatro infantil* (1905) e a *Pátria brasileira* (1910) com a colaboração de Coelho Neto. Em *Através do Brasil* (1910) descreve a viagem pelo país realizada por dois irmãos. Essas obras foram criticadas, mais tarde, pelo seu patriotismo exacerbado, mas não podemos negar que elas eram de melhor qualidade do que as anteriormente existentes. Outros escritores seguem essa mesma postura: Conde de Afonso Celso (*Por que me ufano de meu país*, 1904) e Júlia Lopes de Almeida (*Histórias de nossa terra*, 1907). Além dessa literatura, damos destaque ao *O tico-tico*, primeira revista brasileira que traz publicações de histórias em quadrinhos, lançada em 1905.

Quanto à literatura infantil, outra constatação a ser feita é a de que, na segunda década do século XX, no Brasil, não há produção de livro destinado à criança com as mesmas especificidades literárias encontradas nos de Monteiro Lobato. Os citados acima são de época anterior e nenhum deles revela uma preocupação estético-literária com os pequenos. O próprio Lobato atesta isso em sua correspondência dirigida a Godofredo Rangel:

Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada... É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos... (LOBATO, 1946)

E se manifesta também quanto às traduções, ao examinar os contos de Grimm mandados pelo Garnier.

Estou a examinar os contos de Grimm dados pelo Garnier. Pobres crianças brasileiras! Que traduções galegas! Temos de refazer tudo isso - abraçá-las a linguagem. (LOBATO, 1946, p.275)

No entanto, essa preocupação com a leitura própria para crianças é, relativamente recente, não só no Brasil, como de uma maneira geral, no mundo todo, porque, conforme Ariès (1981), a concepção de infância só passou a existir no século XVIII. Especificamente em nosso país, a preocupação com textos voltados para crianças só aparece após a obra infantil lobatiana. Surgem, então, escritores cujo trabalho direciona-se para o entretenimento do pequeno leitor. Até, então, nas escolas, era comum o uso da literatura sem especificidade para o público mirim. É que tais leituras eram compreensíveis na escola, já que, no começo do século XX, a idade escolar era muito maior que a de hoje e, como já nos referimos anteriormente, não havia um tipo de leitura para as crianças. Na realidade, oferecia-se, às crianças, o mesmo que aos adultos, em termos de livros, passatempos e roupas, o que não deixava à criança a possibilidade de interessar-se por outros textos, mais específicos para a sua idade. Por isso da constatação de Cecília Meireles, em 1931,

sobre as motivações que levavam o educando a ler: “porque é instrutivo, útil, bonito, por razões morais, interesse por assuntos nacionais, histórias do Brasil” (PENTEADO, 1997, p.149) entre outras.

Por averiguarmos a não existência de obras destinadas especialmente às crianças, podemos afirmar que a Literatura Infantil brasileira tem início quando Monteiro Lobato, em um momento mágico, cria a saga do Picapau Amarelo lançando, em 1920, *A menina do narizinho arrebitado* como álbum de figuras e, em 1921, *Narizinho arrebitado*, como segundo livro de leitura para uso das escolas primárias.

O sucesso do pequeno livro de Lobato é absoluto entre as crianças da época, sendo o mais lido nas escolas públicas. Por causa disso, boa parte da primeira tiragem - considerada grande para os dias de hoje (muito mais para a época!) 50.000 exemplares, - foi comprada acidentalmente pelo Governo Estadual (30.000), quando “Washington Luís, ao visitar escolas em companhia de Alarico Silveira secretário da educação e amigo de Monteiro Lobato, sensibilizou-se ao ver aquele livrinho tão surrado” (LAJOLO, 2000, p. 61). O livrinho era nada menos do que *Narizinho arrebitado*. Washington Luís pede ao secretário que providencie a compra de novos livros. Lobato, indagado sobre quantos livros ele teria para pronta entrega, sem muito rodeio, responde que entregaria 30.000 narizes no dia seguinte. Dessa brincadeira resulta a venda dos trinta mil narizes.

O livrinho surrado que impressionara Washington Luís era um indicativo de que as crianças passavam a se interessar por livros. Teria sido a propaganda difundida por Lobato -

temos de mudar, fazendo uma experiência em grande escala, tentando a venda do livro no país inteiro, em qualquer balcão e não apenas em livrarias. Mandamos uma circular a todos os agentes de correio, pedindo a indicação de uma casa, de uma papelaria, de um jornalzinho, de uma farmácia, de um bazar, de uma venda, de um açougue, de qualquer banca, em suma, em que também pudesse ser vendida uma mercadoria denominada livro. (LAJOLO, 2000, p.30)

- ou o acesso facilitado de sua obra nas escolas? Não sabemos a verdadeira resposta, no entanto, constatamos que seus livros proporcionavam uma experiência a que as crianças anteriormente não estavam acostumadas. A vida e a leitura, o leitor e a escrita se misturavam indissolivelmente. A leitura de seus livros, ainda hoje, constitui-se em uma atividade da qual se sai transformado, como o comprovam muitos depoimentos de seus leitores:

Minha imaginação trafegou muito por causa de Lobato. Corri muito no Sítio. Eu sempre fui uma criança imaginativa, pensando coisas, inventando histórias, roubar uma princesa do castelo - minha

imaginação ia muito para lá. Adorava Emilia, Tia Nastácia... Até recentemente peguei Lobato e me diverti. Acho que seria capaz de ler com prazer a obra dele. (PENTEADO, 1997, p.326)

O resgate realizado por Monteiro Lobato das histórias infantis européias, populares brasileiras, orientais e da mitologia grega é um despertar, atualizar e partilhar o presente, livrando os homens de uma experiência empobrecida. Essa experiência a que se refere Walter Benjamin em seu texto *Experiência e pobreza*, publicado em 1933, na Alemanha que se tornava nazista: “Qual o valor de nosso patrimônio cultural se a experiência não o vincula a nós?” (BENJAMIN, 1985, p.115 )

O que Lobato fez em sua obra *Reinações de Narizinho* foi uma recuperação desse patrimônio cultural, enriquecendo a experiência de leitura de seus leitores mirins, como notamos no seguinte relato:

Aquelas leituras ratificaram certas atitudes e crenças minhas. Influenciaram o meu gosto pela Grécia. Li muitas vezes *Os 12 Trabalhos de Hércules*. Lobato foi meu precursor para Platão, Aristóteles, etc. Ele foi, sem dúvida, meu precursor no interesse pela filosofia. (PENTEADO, 1997, p. 236)

Esse resgate não é feito apenas pelo autor, mas Monteiro Lobato, no meio editorial, acaba por valorizar profissionalmente o tradutor, elevando esse ofício a uma atividade intelectual no mesmo patamar da produção original, pois é o tradutor que faz a ponte, tão necessária, entre o povo e o patrimônio cultural da humanidade. Em determinado momento, Monteiro Lobato afirma que: “povo que não possui tradutores, torna-se povo fechado, pobre, indigente” (CAVALHEIRO, 1962, p.114), e que “os tradutores são os maiores beneméritos que existem” (CAVALHEIRO, 1962, p. 114).

Para Monteiro Lobato só “enfileirar palavras portuguesas” (LOBATO, 1961, p.70) não significa produzir texto em língua portuguesa. Percebemos que o escritor insere, sem falar em teorias, toda a discussão teórica que envolve a tradução. Temos, de um lado, os teóricos que propõem uma tradução técnica, ou seja, que todos os vocábulos de um texto base devem ser transladados da língua de origem para, no nosso caso, o português. Nessa linha de pensamento temos J. C. Catford e Alexander Fraser Tytler, teóricos citados no livro *Oficina da tradução* (ARROJO, 2002), e que defendem a tradução como um processo que leva em conta a substituição das palavras de uma língua para outra, mas não leva em conta o contexto histórico-social, resultando esse tipo de tradução em uma imagem comparativa à de um trem, enfileirando-se as palavras, tais como os vagões, de acordo com o original.

De outro lado, temos a tradução produtora de signi-

ficados, que tem como principais pensadores Roland Barthes e Jacques Derrida. Barthes sintetiza, em seu ensaio *From work to text* (1979), a visão pós-estruturalista na qual defende a leitura como um processo produtor de significados e não se restringe aos significados originais. Já Derrida, um conceituado pensador francês, também muito estudado nos Estados Unidos, nos fala em “desconstrução” do conceito de verdade original e estável, o que implica uma reformulação do texto em uma outra língua.

Para melhor observarmos essa produção de significados e desconstrução do texto base vamos lembrar como Monteiro Lobato, em *Reinações de Narizinho*, nos passa a fórmula da boa tradução.

Leia de sua moda, vovó! – pediu Narizinho. A moda de dona Benta ler era boa. Lia “diferente” dos livros. Como quase todos os livros para crianças que há no Brasil são muito sem graça, cheios de termos do tempo do onça ou só usados em Portugal, a boa velha lia traduzindo aquele português de defunto em língua de Brasil de hoje. Onde estava por exemplo, “lume”, lia “fogo”; onde estava “lareira”, lia “varanda”. E sempre que dava um “botou-o” ou “comeu-o”, lia “botou ele”, “comeu ele” – e ficava o dobro mais interessante. Como naquele dia os personagens eram da Itália, dona Benta começou a arremedar a voz de um italiano galinheiro que às vezes aparecia pelo sítio em procura de frangos; e para o Pinóquio inventou uma vozinha de taquara rachada que era direitinho como boneco devia falar. (LOBATO, 1993 p.106)

Percebam a troca feita na leitura por dona Benta, que leu varanda em vez de lareira. Ela traduziu o sentido da reunião familiar que, na Europa, acontece em frente à lareira, por varanda, local onde ocorrem as reuniões, principalmente nas cidades do interior, fazendas e sítios.

E foi com esse enfoque que ele foi traduzindo, recriando os principais contos da Literatura Infantil mundial. Lobato se dedica à tradução por anos de sua vida. Cavalheiro lista 82 obras traduzidas por Monteiro Lobato e dessas vamos enumerar algumas obras infantis: *Contos de Andersen* (dois volumes); *Pinocchio*, de Collodi; *Robinson Crusoe*, de Defoe; *Alice no país das maravilhas*, de Carroll; *Contos de Grimm* e *Novos contos de Grimm*; os *Contos de fadas*, de Perrault entre outros.

Devido à amplitude da obra lobatiana, no que concerne às traduções, escolhemos o conto *Branca de Neve* como referência para nossos estudos.

O conto é um dos mais divulgados no mundo. A versão mais conhecida é a coletada e publicada pelos Irmãos Grimm, Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859).

O título do conto em alemão, *Schneewittchen*, em inglês, *Snow-White* ou em português, *Branca de Neve*, faz

alusão ao nome da princesa e tem ligação direta com sua principal característica física: a de ser branca como a neve. Alguns tradutores acrescentam, ao título, os sete anos.

Os contos coletados e escritos pelos Irmãos Grimm, - incluindo o *Branca de Neve* -, trazem consigo características do romantismo literário, que nasceu na Alemanha. Nessas histórias, o humanismo, característico desse movimento, funde-se com o maravilhoso e, por isso, valores como esperança, solidariedade humana e confiança são difundidos em seus textos.

Especificamente no conto estudado por nós, notamos em vários momentos da história traços do Romantismo: quando da decisão do caçador que, desobedecendo a sua senhora, deixa Branca de Neve ir embora pela mata. Verificamos, ainda, a solidariedade dos anões quando ajudam a princesa, acolhendo-a em sua casa. E, ao final do conto, o triunfo da inocência. Porque o próprio conflito entre a Madrasta e a Princesa é um dos grandes traços românticos, opondo o bem e o mal, oposição que é uma das expressões do sentimentos humanos. Assim, nas obras românticas, a bondade deve sempre sobrepor-se, vitoriosa, à maldade, acalentando no leitor o sonho de uma sociedade mais justa, sendo esse um anseio sempre presente nas narrativas. Em *Branca de Neve*, a maldade está representada pela madrastarainha, que é, por fim, destruída.

Monteiro Lobato traduz esse conto em 1933, em meio ao conturbado governo de Getúlio Vargas, no qual a violência ditatorial arrancava a liberdade e o sonho do povo brasileiro. Uma das possíveis intenções do tradutor talvez tenha sido a de semear o ideal de uma sociedade mais justa, principalmente entre seus pequenos leitores, por meio da leitura de traduções consideradas, hoje, pelos críticos literários, como as melhores já escritas em língua portuguesa.

Para um estudo da *performance* de Lobato como tradutor, comparamos a sua tradução do conto *Branca de Neve*, publicada pela editora Brasiliense, em 1962, com a de Tatiana Belinky, publicada pela Paulus, em 1989. Esta nos foi indicada pela professora doutora Karen Volobuef<sup>2</sup>, pesquisadora em literatura, especialista em contos escritos pelos Irmãos Grimm, como a mais fiel ao texto alemão, gentilmente cedido por ela para a nossa pesquisa.

Na comparação estabelecida entre os dois textos percebemos que Monteiro Lobato primeiro introduz o personagem do conto - a rainha -, seu afazer e o cenário onde ela se encontra. Depois define o período do ano em que se passa o começo da história, apenas dando os indícios da estação, sem contudo nomeá-la, o que possibilita, à criança, um exercício mental de associação entre o texto lido e o

seu conhecimento sobre o inverno.

Era uma vez uma rainha que pregava botões nas camisas do seu esposo, apoiada no parapeito de ébano da varanda do palácio. Estava nevando. Flocos de neve alvíssima iam caindo e formando camadas sobre as ruas e canteiros do jardim real. (LOBATO, 1962, p.85)

No texto de Tatiana Belinky, a estação vem nomeada logo no início - em pleno inverno - o que a princípio diminui o exercício associativo por parte das crianças; destacamos, também, que a autora traduz que os flocos de neve caíam como penas, para só depois introduzir a figura da rainha com seu afazer.

Era uma vez em pleno inverno, os flocos de neve caíam do céu como penas. Uma rainha estava sentada costurando, ao lado de uma janela que tinha esquadilhas de negro ébano. (BELINKY, 1989, p.48)

Comparando os inícios dos textos, notamos a primeira diferença entre os estilos de traduções, que se acentuam no decorrer dos trabalhos. Quando a autora inicia sua tradução definindo explicitamente a estação do ano, ela está mantendo a estrutura do texto base, pois os Irmãos Grimm definem logo de início o período em que começa a história - *mitten im winter* (em pleno inverno). Monteiro Lobato preocupa-se em exercitar a imaginação infantil e, com isso, provoca na criança a habilidade de interpretar o texto, estabelecendo associação entre as idéias. Lobato não se preocupa em manter a estrutura do texto base e sim em criar um movimento de interação do texto com o leitor.

Podemos perceber que a autora pertence aos tradutores tradicionais, pois o estilo do seu trabalho é parecido com o do texto base, como sugere um dos primeiros teóricos da tradução, Alexander Fraser Tytler, citado por Arrojo: "O estilo da tradução deve ser o mesmo do original" (ARROJO, 2002, p.13). Já, Monteiro Lobato revela, nas primeiras linhas de seu texto, uma preocupação com o público alvo, a criança brasileira, e modifica o estilo dos autores, traduzindo não as palavras, mas sim, as idéias contidas no texto base. Lobato acaba realizando uma tradução de significados.

Para ressaltar mais a diferença entre os estilos dos autores, nesse início de história destacamos a descrição feita por Tatiana Belinky dos flocos de neve - "os flocos de neve caíam do céu como penas". Provavelmente os Irmãos Grimm pensavam em penas caindo do céu porque a maioria das aves européias as tem brancas, como o cisne, o ganso, a cegonha entre outras. Mas nossas crianças quando pensam em penas não necessariamente as imaginam brancas, mas sim multicoloridas, pois a profusão de cores é uma característica das aves tropicais como as nossas.

Observando os dois textos podemos notar no de Mon-

<sup>2</sup> Dr<sup>a</sup> Karen Volobuef é professora da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (Dep. de Letras Modernas) - UNESP.

teiro Lobato algo de muito diferente de todas as traduções observadas por nós, que é o abasileiramento do texto. Onde veremos uma rainha a pregar botões nas camisas do esposo? Ele desconstrói a figura típica da rainha para construir uma figura meio abasileirada, não de rainha, mas sim de dona-de-casa.

Em outro trecho do conto, notamos diferenças na questão dos vocábulos.

O caçador imediatamente saiu a cumprir as ordens da sua senhora ; levou Branca de Neve para bem longe na mata e tirou o punhal para matá-la. No momento, porém, em que lhe ia cravar o punhal no peito, a pobre menina implorou:

-Caçador, não me mates! Eu me embrenharei por estes bosques a dentro e a rainha nunca mais me verá. (LOBATO, 1962, p.87)

O caçador obedeceu e levou a menina embora. Mas quando ele puxou o arcabuz e quis varar o inocente coração da Branca de Neve, ela começou a chorar e falou:

- Meu caçador, poupa minha vida! Eu vou entrar na floresta selvagem e não voltarei nunca mais! (BELINKY, 1989, p.50)

Notamos na tradução de Tatiana Belinky o vocábulo arcabuz, arma de fogo utilizada no século XVI, de cano largo e curto, uma espécie de bacamarte. Esse vocábulo não tem significado para a criança brasileira no começo desse século. Lembramos que Monteiro Lobato, em seu início de carreira, comentava o problema da tradução literária infantil, quanto ao uso de vocábulos de difícil compreensão pelas crianças, como nos parece o caso de arcabuz, que Lobato traduz por punhal.

Belinky escreveu uma tradução fiel ao texto base escrito pelos Grimm, sendo que para isso nem sempre usou a expressão mais agradável em Língua Portuguesa, mas a mais literal em relação ao alemão, proporcionando uma leitura não muito agradável, principalmente para as crianças, mas que pode ser útil e confiável quando se pretende saber como exatamente foi escrito o conto pelos Irmãos Grimm.

Já, Monteiro Lobato realiza, em suas traduções, o que ele próprio anuncia em seus escritos a Godofredo Rangel – abasileira a linguagem, deixando seu texto muito atraente e delicioso de se ler. O escritor no papel de tradutor atualiza e partilha com as crianças um patrimônio cultural que enriquece a todos os seus leitores.

### Referências bibliográficas

- ARIÈS, P. *A história social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- ARROJO, R. *Oficina de tradução*. São Paulo: Ática, 2002.
- BARTHES, R. From work to tex. In: HARARI, J.V. ed. *Textual strategies; perspectives in post-structuralist criticism*. New York: Cornell University Press. 1979.
- BELINKY, T. *Os contos de Grimm*. 6. ed. São Paulo: Paulus, 1989.
- BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 114-119.
- CAVALHEIRO, E. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Brasiliense, 3 ed., 1962, volumes I e II.
- COELHO, N. *Dicionário crítico de literatura infantil/juvenil brasileira - 1882-1982*. 2.ed. São Paulo: Quíron/Brasília, INL, 1984.
- LAJOLO, M. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.
- LOBATO, M. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1946, 2º tomo.
- \_\_\_\_\_. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1961, 1º tomo.
- \_\_\_\_\_. *Contos de Grimm*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense. 1962.
- \_\_\_\_\_. *Reinações de Narizinho*. 48ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- PENTEADO, J. R. W. *Os filhos de Lobato*. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed. 1997.
- PIMENTEL, A. F. *Histórias da Baratinha*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1956.
- \_\_\_\_\_. *Histórias do arco da velha*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1957.
- SWARTZMAN, S. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

---

Maria Augusta H. W. Ribeiro  
Professora Assistente Doutora do Curso de Pedagogia da Unesp – Departamento de Educação – IB/ Campus de Rio Claro-SP.  
E-mail: mahwr@rc.unesp.br

Augustinho Aparecido Martins  
Licenciado em Pedagogia pela Unesp – IB / Campus de Rio Claro-SP.  
E-mail: tinhomar@terra.com.br

---